F. MARTINS SARMENTO

OBSERVAÇÕES

Á

CITANIA

DO SNR.

Doutor Emilio Hübner

PORTO
Typographia de Antonio José da Silva Teixeira
62, Rua da Cancella Velha, 62

1879

F. MARTINS SARMENTO

off.
o auctor

OBSERVAÇÕES

Á

CITANIA

DO SNR.

Doutor Emilio Hübner

PORTO
Typographia de Antonio José da Silva Teixeira
62, Rua da Cancella Velha, 62
1879

OBSERVAÇÕES

Á

CITANIA[1]

DO SNR.

DOUTOR EMILIO HÜBNER

Sendo obrigado a fallar do escripto do snr. dr. Emilio Hübner, desejára tão sómente ter d'agradecer as palavras de benevolencia e incitamento que me endereça o douto archeologo de Berlim; mas as inexactidões ácerca das cousas da Citania são taes e tantas no seu trabalho, que julgo do meu dever apontal-as e emendal-as. Para um sabio consciencioso, e que tanto se empenha no esclarecimento das antiguidades da peninsula iberica, não é este, por fim, o peior modo de exprimir-lhe o meu reconhecimento.

Escusado advertir que o snr. dr. Hübner não é responsavel pelas inexactidões de que fallo. As suas noticias foram todas colhidas em jornaes portuguezes, e no jornal madrileno, a *Aca-*

---

[1] «Citania, por Emilio Hübner, professor da universidade de Berlim, traducção de J. de V. Porto, imprensa Litterario-Commercial, MDCCCLXXIX».

*

demia; e, a instaurar-se processo contra os verdadeiros culpados, não faltaria quem me pozesse na cabeceira do rol, como quem, estando mais no caso de corrigir os erros, os deixou correr e medrar.

A minha desculpa é esta: Quasi todas as noticias, respectivas á Citania, appareceram dispersas por jornaes politicos. De algumas nem tive conhecimento. Quando os seus authores se dignavam enviar-me o numero dos jornaes, em que escreviam, apressava-me a agradecer a fineza e a indicar as faltas em que cahiram. Corria, parece, aos vulgarisadores do erro a obrigação de vulgarisar a errata. Nunca vi erratas, como tambem me não lembra — diga-se de passagem — que ninguem me pedisse esclarecimentos.

Entendiam certamente estes cavalheiros que não valia a pena gastar tempo com a emenda de noticias, que esqueciam, mal se pousava a folha, em que vinham, e que pouco importava ao commum dos leitores que, por exemplo, a «pedra formosa» tivesse seis metros de comprido, como se dizia n'um jornal do Porto, ou apenas menos de metade.

Acabei por me convencer de que tambem perdia o tempo com os meus reparos, e voltei-me para occupações menos infructiferas.

Ás pessoas, a quem mandei collecções photographicas, entendendo que as deviam examinar com interesse, mandei igualmente explicações e medidas exactas dos objectos que as necessitavam, para serem melhor comprehendidos. Assim succedeu com a collecção enviada ao snr. D. Francisco Tubino, director da *Academia,* que, em vista das inexactidões que publicou, entendeu mal o meu autographo.

Ao director da *Renascença,* o snr. Joaquim d'Araujo, offereci algumas photographias escolhidas, sem explicações nenhumas, declarando-lhe ser-me impossivel dar-lh'as, quando mais tarde m'as pediu, por não ter deixado nota da numeração dos cartões.

Pelo que fica dito, se vê que não deixei correr o erro tanto á revelia, como parece; fiz o que pude por sustel-o na carreira.

Agora que o snr. dr. Hübner, em virtude dos falsos materiaes de que dispoz, condensou nas vinte e cinco paginas do seu opusculo quantas inexactidões foram semeadas pelas publicações que se occuparam da Citania, vou levantar este longo *erratum* — o que já haveria feito, ha mais tempo, se se me deparasse tão boa occasião, como esta, e — diga-se tudo — se não fosse o receio de ter de fallar ao echo.

Não seguirei exactamente a ordem das materias da «Citania». Este escripto, como sabem os que o leram, compõe-se de duas partes, rectificando-se e ampliando-se na segunda algumas noticias, dadas na primeira. Reunindo as noticias d'ambas as partes, e tratando-as em secções distinctas, evitarei repetições escusadas. Quando alludir ás gravuras, refiro-me á *Renascença*, Fasc. II, III, Pag. 44, 45.

Fóssos, muralhas

> «Tres muralhas e outros tantos fóssos concentricos coróam a parte superior do *plateau* da collina em que se avista a ermida de S. Romão». («Citania», pag. 7).
>
> «Tres muralhas imponentes circulares fechavam o accesso ao *plateau* do monte...
>
> «Entre o segundo e terceiro circuito veem-se duas linhas de fóssos...» (Pag. 17).

Pela primeira noticia haveria fóssos concentricos acompanhando as tres muralhas; pela segunda ha só duas linhas de fóssos, podendo suppôr-se ainda que estes fóssos são concentricos.

Á falta d'uma planta que ainda até hoje não foi levantada,

o melhor modo d'explicar o plano das fortificações da Citania, sem gastar muita palavra, parece-nos o seguinte:

Tracemos tres circulos concentricos [2]; tiremos uma tangente ao circulo exterior e duas linhas parallelas a esta. Tiremos ainda uma perpendicular á tangente, entre ella e a primeira parallela, e, para nos orientarmos, fiquem os tres circulos para o sul, e a perpendicular voltada ao norte.

Applicando esta figura — os tres circulos são as tres ordens de muralhas no monte de S. Romão; a perpendicular é uma muralha direita, correndo pela espinha do isthmo que separa o monte de S. Romão do systema orographico, a que tambem pertence a Falperra; a tangente e primeira parallela são dous fóssos que cortam o isthmo ao través, começando na vertente do monte do lado do nascente, e acabando na do lado do poente. É um trabalho gigantesco, attendendo a que foi preciso quebrar e remover muito penedo, para dar aos fóssos a profundidade necessaria.

A muralha direita (linha perpendicular), indo de fôsso a fôsso, tornava a defeza mais temivel; porque, se o inimigo só tomasse o primeiro fôsso pelo lado do nascente e avançasse para as muralhas da circumvallação, ficava exposto aos tiros de flanco, vibrados pelos sitiados, ainda senhores do fôsso do lado do poente. E ás vessas.

A segunda parallela, que ficava já para lá do isthmo, era uma muralha tambem a direito, assente em terreno desigual, e rematando em fragas alcantiladas, tanto do nascente, como do poente. Era a guarda avançada da defeza.

De sorte que o aggressor do lado do norte — o ponto natu-

---

[2] Rigorosamente excentricos. Os tres circuitos de muros, do lado do norte, e de certo para cerrar mais a defeza, são aproximados uns dos outros, em quanto que pelos outros lados, o terceiro principalmente, estende-se enormemente pela encosta do monte.

ralmente fraco do monte — tinha a vencer as seguintes difficuldades: a muralha a direito — o terceiro fòsso, sendo indispensavel tomal-o pela secção do nascente e pela do poente — o segundo fòsso e terceira muralha (contamos sempre de dentro para fóra), sendo aquelle tangente d'esta n'um ponto (norte), mas de rosto parallelo ao terceiro, e por tanto em linha recta — a segunda muralha tambem com fòsso [3] — a primeira muralha, esta sem fôsso.

Dolmens. — Vias

«Fóra das muralhas ficaram existindo tres penedos do genero chamado *dolmen,* levantados alli por mão humana. O povo chama-lhes o *Penedo da Moura...*

«Os ornatos abertos na rocha e que são parecidos, em estylo, com outros achados em lugares aonde houve cultura pre-romana, accusam a mão do homem». (Pag. 7).

«No caminho que conduz ao alto do monte, onde se acha a pequena ermida de S. Romão, apparecem vestigios de uma entrada primitiva, revestida de silhares quadrados em lugar de blocos polygonos, como nas estradas romanas». (Pag. 17).

«Na via acham-se tres *dolmens;* um d'elles já foi em tempo anterior ás escavações do snr. dr. Sarmento objecto de investigações». (Pag. 17 e 18).

Reunimos na mesma secção os *dolmens,* e as vias, pelos motivos que se não tardará a achar justificados.

---

[3] É o unico fôsso entre muralhas, mas parallelo aos de fóra, e portanto correndo em linha recta do nascente a poente.

Deprehende-se dos extractos, acima feitos, que na Citania ha apenas uma calçada — a que leva ao alto do monte — e que n'ella ficam tres *dolmens*.

Nada d'isto é exacto.

Vamos seguir esta calçada, não subindo, mas descendo. Colloquemo-nos no centro da povoação, exactamente no ponto em que se cruzam as duas ruas principaes, que em nada se differençam das calçadas. Desçamos na direcção do sudeste. Chegando á linha, onde ficava a primeira muralha (hoje destruida d'este lado), a calçada bifurca-se. Um braço continúa na mesma direcção do sudeste, e logo voltaremos atraz para o seguir. Por agora o nosso caminho é o braço que volta para o sul. Ao passar a linha da segunda muralha, a calçada bifurca-se. Deixando a da esquerda e continuando pelo «caminho de S. Romão», encontramos logo adiante, a entroncar com elle, uma outra calçada, mais estreita, que desce do alto do monte pela volta do noroeste. Mais adiante o «caminho de S. Romão» despede um novo braço para a esquerda, e, chegando á terceira e ultima ordem de muralhas, tem de cruzar com uma nova calçada que acompanha a muralha, pelo lado de dentro, em todo o arco do poente-sul. Passada a terceira muralha, a calçada que temos seguido bifurca-se ainda. Uma, á direita, desce pela encosta na direcção do noroeste, até á raiz do monte, quebra então para poente, atravessa o ribeiro [1], e ainda segue para além de Cas-

---

[1] No ponto chamado *Porto de Guediz*. A palavra *porto* nas terras sertanejas parece ter tido, como Portella e similhantes, o significado de passagem, lugar por onde se passa; porém, se a passagem atravessava um curso d'agua, é bem possivel que *porto* significasse *vau*, como o *ford* inglez e outros.

O Guediz é uma torrente que se despenha em cascatas, separando profundamente o monte de Lagiosa, contiguo, pelo norte, ao de S. Romão, dos montes d'Andorinheira e Castel-Rei. Logo que começa a correr na planicie, vai tomando differentes nomes, conforme os lugares

tel-Rei. Outra desce para o sul, ainda se ramifica, indo os seus braços perder-se nos campos da freguezia de S. Salvador de Briteiros.

No «caminho de S. Romão», entre a terceira e segunda muralha, é que ficam os dous monumentos megalithicos, mal classificados, e que entram na conta dos tres *dolmens* da segunda noticia.

O *Penedo da Moura* fica n'outra parte, como vamos vêr, subindo o caminho, que já descemos, até o ponto em que dissemos que um dos seus braços se dirigia para sudeste.

Esta calçada é em tudo igual á outra, mas em partes está hoje soterrada pelos detritos trazidos nos enxurros do alto. Na linha da segunda muralha bifurca-se. Um braço desce para sul, ramificando-se aqui e alli n'outras direcções, até á raiz do monte, onde o ladrilho foi cortado. Outro, que seguiremos, volta para nascente. Á esquerda d'esta calçada, e antes de chegar á terceira muralha, é que fica o *Penedo da Moura.*

A calçada segue ainda n'uma grande extensão para além da terceira muralha, ramificando-se, como a outra, até á raiz do monte, onde tambem foi cortada.

Para nascente, para norte, para noroeste, para poente, para sul, a povoação tinha caminhos calçados, que se ramificaram mais ou menos, de modo que o difficil na Citania, a respeito de calçadas, é descobril-as e contal-as.

Algumas d'ellas seguem ainda n'uma extensão consideravel, e quem percorre os montes de Donim, já longe da velha povoa-

---

que atravessa, até entrar no Ave, junto ás Caldas das Taipas, lugar da Galliza, com o de Ravèllo. O nome de Guediz parece, pois, limitar-se á parte do ribeiro que cahe impetuosamente pelos fragões da quebrada dos mencionados montes. Dirão os competentes se este nome é um composto, cujo ultimo elemento tem alguma cousa a vêr com *uisg*, e o primeiro com a idéa de «separação», ou de «rapidez».

ção, fica muitas vezes espantado ao deparar com um lanço de calçadas do typo das da Citania, sem saber d'onde elle vem, nem para onde vai.

Nenhuma d'estas calçadas é de silhares quadrados. Como no apparelho da maior parte das casas, toda a pedra serve, grande ou pequena, quadrada ou polygona; mas, se alguma pedra quadrada entra no ladrilho, o trabalho de a quadrar teve-o a natureza e não o homem [5].

Toda a lage *in situ,* mesmo que não seja muito plana, aproveita-se sempre.

Nenhum dos chamados dolmens tem ornatos, como podem fazer crêr as palavras do snr. dr. Hübner. Nunca tambem, que eu saiba, foram objecto de investigações, no sentido, em que devemos tomar aqui esta palavra.

Na face superior da mesa do *Penedo da Moura* ha uma pequena pia quadrilonga, aberta innegavelmente pela mão do homem. A exploração que fiz no sólo da furna não produziu nada.

Casas

«Apenas duas construcções se conservam em pé no proprio lugar... a julgar pelas gravuras... calcúlo a altura da primeira habitação em 3-4 metros, afóra a do

---

[5] É tão saliente a irregularidade das pedras das calçadas, que nos lembra se aqui haverá confusão com o ladrilho d'uma praça, composta de peças quadradas, formando um xadrez quasi perfeito. Uma casa circular no tôpo d'esta praça tem tambem um apparelho n'uma correspondencia tal qual com esta disposição. As pedras que entram n'elle, de pouco mais d'um palmo de largo, mas de comprimento variavel, não excedendo comtudo um e meio palmo, são todas collocadas obliquamente. A pedra superior tem sempre a mesma largura da

tecto moderno, e o diametro em 6-7; a segunda parece-me ser um pouco mais pequena.

«A primeira habitação parece assentar em rocha viva; a segunda tem uma substrucção singular, com caracter mais antigo, composta de grandes blocos cyclopicos, que formam o resguardo da vertente do monte.» (Pag. 7-8).

«As escavações do snr. Martins Sarmento puzeram a descoberto no *plateau* umas trinta a quarenta habitações, redondas em geral e algumas ellipticas; a sua altura é de 2-3 metros. O diametro é algumas vezes de 4-8 metros... Algumas diminuem para cima em fórma de cóne, em virtude da disposição reintrante das camadas de pedra...

«É possivel que a parte superior das casas de pedra fosse feita de madeira e se achasse n'ella a porta que falta em todas. A base quadrangular feita de muros cyclopicos, como se vê na habitação gravada na Academia (Fig. 2), conservou-se em bastantes habitações». (Pag. 18).

Em relação ás casas (Fig. n.º 1 e 2), o snr. dr. Hübner foi induzido em erro pelos seguintes motivos:

A Fig. 1, levava a nota de «casa reconstruida» e a observação, reproduzida na *Academia* e na *Renascença,* com um additamento inutil, que copiaremos em gripho: «a parte antiga está indicada na photographia por uma linha negra, *que na gravura se não determina precisamente*». Nem precisamente,

---

inferior e segue sempre a mesma direcção obliqua, de sorte que, se a casa estivesse completa, cada serie ascendente de pedras correria em espiral desde a base até o tecto.

Esta curiosa disposição repete-se n'uma outra casa circular, e n'uma quadrilonga.

nem vagamente: a linha traçada na photographia foi inteiramente supprimida na gravura. Esta linha, que separava a parte primitiva da restaurada, ficava a menos d'um metro acima do sólo, vendo-se por tanto que o snr. dr. Hübner, calculando em 3-4 metros a altura da casa antiga, tomou por base um dado que julgou verdadeiro, e que o não é [6].

Na casa (Fig. 2) ha um erro d'outra especie. A culpa foi aqui da mão que cortou a prova photographica. O que se pretendia mostrar n'ella era uma variedade do apparelho das casas. Tomou-se para modêlo a casa (restos) do primeiro plano. A chapa collodionada reproduziu tudo o que lhe ficava em frente, o que se queria e o que se não queria, e em vez de se remediar este inconveniente, cortando a prova positiva pela linha que separa o primeiro plano dos ultimos, não se fez por descuido, e d'aqui a confusão e illusões opticas.

Corrigindo — não póde estabelecer-se proporção alguma entre o apparelho da casa reconstruida (a do ultimo plano) e os restos da casa do primeiro, pois aquella dista d'esta uns bons 7 metros, e é sabido que, quanto mais os objectos se distanciam da objectiva photographica, mais pequenos se tornam.

Os restos da casa do primeiro plano não são substrucção da

---

[6] A altura de paredes das construcções soterradas é em regra de menos d'um metro. Se as casas ficavam junto d'um muro de supporte, que separava um taboleiro superior d'um inferior, este muro, do qual ás vezes ellas distam menos d'um palmo, resguardou melhor da destruição as paredes que lhe ficavam proximas, algumas das quaes tem 2 metros e mais. Mas, como facilmente se imagina, estas paredes formavam as costas do edificio. As frentes, tão desamparadas, como as construcções do alto, estão arrazadas até abaixo da linha, onde podiam ficar as janellas, sendo impossivel até hoje saber-se se as casas da Citania as tinham ou não. Uma pequena soleira, que não podia ser de porta, é o unico indicio a favor; todos os mais são contra.

casa do ultimo; ambas as casas são independentes e ambas circulares.

Nenhuma casa circular da Citania tem base quadrangular [7].

O apparelho da casa do primeiro plano não tem nada de cyclopico [8]; é menos que mediano.

Não ha na Citania casa circular com 8 metros de diametro; o seu diametro é quasi sempre de 4,77; qualquer differença para mais ou para menos é apenas de decimetros.

As casas cónicas tiveram, e creio que ainda teem seus defensores. Eu oppuz sempre as seguintes objecções, que serão tomadas na conta que merecem:

1.º Se ha paredes inclinadas para dentro, tambem as ha in-

---

[7] O que muitas vezes se encontra é uma casa circular dentro de uma construcção quadrada. A figura d'estas duas construcções póde ser representada por um circulo inscripto n'um quadrado (tendo este uma metade mais do diametro d'aquelle), mas de modo que o circulo encoste a um dos angulos da frente, tocando quasi as linhas que o formam. Supprimamos agora parte da linha do lado da frente, no espaço occupado pela casa circular. Na parte da linha que resta ficava a entrada para o terreno, comprehendido entre a casa circular e a construcção quadrada, e a porta parece ter sido aqui substituida por uma ou mais taboas corrediças que jogavam verticalmente nos rasgos (*rainures*) de dous tranqueiros, alguns dos quaes ainda se encontram no seu lugar. É n'esta dependencia das casas redondas que se encontram muitas vezes pias grosseiras, e, embutidas nas paredes argolas de pedra, onde se amarrava o que quer que seja, podendo muito bem esta parte do edificio ter servido para guarda d'animaes.

[8] Amplie-se esta observação a todas as casas da Citania. N'um ou n'outro caso, a primeira fiada do apparelho exterior (veja-se nota 22) compõe-se de pedras, ás vezes de mais d'um metro d'altura, mettidas de cutelo; mas, a bem dizer, não ha n'isto variedade d'apparelho: em vez de pedras pequenas, empregavam-se pedras grandes, simplesmente porque estas ficavam mais á mão.

Verdadeiramente cyclopicos são alguns lanços de muralha, principalmente na segunda ordem, do lado do poente.

clinadas para fóra. A argumentar com o desaprumo das paredes, que, a meu vêr, é o resultado da pressão dos entulhos em differentes direcções, haveria na Citania casas cónicas com a base para baixo — o que realmente não seria extraordinario; mas tambem as haveria com a base para cima — o que seria mais que phantastico.

2.º N'estas casas cónicas apparecem fragmentos de telhas, como em todas as outras casas. Para que serviam as telhas em casas cónicas, isto é, fechadas d'abobada?

Não é rigorosamente exacto que as portas faltem em todas as casas. Na casa reconstruida (Fig. 1), a soleira e parte da hombreira são da construcção primitiva. Em algumas outras casas encontram-se soleiras no seu lugar, assentes no nivel do pavimento.

São porém excepções; e parece fóra de duvida que a maior parte das portas ficava de 4 a 5 palmos acima do chão.

Não vejo tambem razões para suspeitar que parte da casa fosse de madeira. A grande quantidade de pedra, que dá o desentulho de cada casa, faz suppor o contrario.

No que eu errei com certeza foi em dar ás casas circulares reconstruidas uma altura igual ao seu diametro. Sem duvida nenhuma eram mais baixas [9].

Pilares ou hombreiras. — Bases

> «Acham-se ainda grandes pilares ou hombreiras de um lavor bastante apurado, em parte com os buracos ne-

---

9 As portas tambem deviam ser extremamente baixas. A calcular por uma portada quasi completa, encontrada em Sabroso, e pelo rasgo do batente aberto n'uma das suas hombreiras, a altura da porta não podia exceder a $1^m,22$.

cessarios para as vigas de segurança, segundo parece. Tenho presente as photographias d'estes objectos, assim como as d'um certo numero de *bases* de columnas que accusam um perfil greco-romano». (Pag. 18).

Aqui os informadores do snr. dr. Hübner são as proprias photographias; mas, se não erro, a attribuição que dá a estas pedras não é exacta.

Os buracos do que chama pilares ou hombreiras não são para receber vigas, senão coucilhos (*pivots*). A cavidade quadrilonga, que tem de ordinario tres e meia pollegadas de largo, cinco de comprido, e pouco mais d'uma de fundo, era de certo cheia com uma peça de madeira, tambem com seu buraco redondo, onde entrava o espigão do coução, ficando assim a madeira da porta livre do attrito da pedra. É por isso que a cavidade quadrangular é mais funda para um dos lados, tomando uma fórma circular — e isso distingue-se na photographia.

O jogo das portas em couções é ainda hoje commum no Minho.

Assim, estas pedras ou eram soleiras ou padieiras, e provavelmente soleiras, attendendo a que, se o proprio peso da peça de madeira bastava para a manter firme na cavidade da soleira, bastava tambem para a deslocar na padieira, como é intuitivo.

Uma das pedras photographada por dous lados, a mais bem trabalhada, e com buracos mais profundos, póde offerecer duvida se seria soleira ou outra cousa. Aqui as cavidades não são para receber coucilhos; mas tanto n'esta como na outra, o seu perfil curvilineo não permitte que as chamemos hombreiras.

Bases de columna só appareceram duas n'uma casa com bancos, encostados ás paredes pelo lado interno da casa, e quasi em toda a volta d'ella.

São bases de columnas?

A sua face mais pequena é tão polida e ao mesmo tempo

tão pouco plana, que custa muito a explicar o porquê se poliu uma superficie que havia de ficar escondida por um fuste, e, ainda peior, o porquê se poliu de modo mais proprio a não poder assentar n'ella fuste nenhum. Na minha opinião, aquellas duas peças estão completas, fosse qual fosse o seu uso.

Pedra formosa

«O prestimo que teve a tão fallada *pedra formosa* (Fig. 5) deu lugar a minuciosa discussão. Parece ser opinião geral que a pedra foi uma ara de sacrificio; a face ornamentada estaria em posição horisontal; a abertura semi-circular n'um dos lados seria o lugar do sacerdote. O snr. Martins Sarmento deu-lhe a posição correspondente, d'accordo com esta idéa. Não sei nem no mundo antigo, nem no mundo celtico de aras de sacrificio d'este feitio, cobertas de ornatos abertos n'um relevo tão saliente; comtudo confessarei a minha ignorancia se alguem m'as souber apontar. No entanto, notarei desde já que me custa a crêr que uma civilisação ainda mesmo primitiva produzisse obras d'essa ordem para o fim indicado; que o homem cobrisse de lavores superficies menos vistas d'um monumento, e sem utilidade manifesta; e embora o architecto, o snr. J. P. Narciso da Silva se engane, attribuindo todos esses ornatos assás brincados mas assás rudes á civilisação romana, creio que, por outro lado, acertou, guiado por um instincto seguro, quando viu na obra a disposição do frontão greco-romano com a sua divisão caracteristica.

«Um frontão porém não se põe ao comprido á moda de mesa ou de ara de sacrificio; levanta-se em pé e sustenta-se com os pilares embora os mais toscos. Pela minha parte discordo da opinião geral. Os que dizem que

a pedra não póde haver pertencido a um monumento funebre por que foi achada dentro do circuito murado tiram uma conclusão muito arriscada. As disposições legaes de uma civilisação mais adiantada fizeram com que os tumulos fossem separados em toda a parte, pouco a pouco, da habitação dos vivos, porém os povos dotados de uma civilisação primitiva enterravam os seus mortos dentro das povoações ou perto d'ellas, a fim de os ter perto, até na morte. Não é pois impossivel que a pedra fizesse parte da ornamentação de um monumento funebre colossal». (Pag. 19 e 20).

Não ha aqui a notar inexactidão alguma, a não ser a noticia da pag. 9, reproduzida da *Academia,* que suppoz ter havido um convento em Santo Estevão de Briteiros.

Como, porém, as palavras do snr. dr. Hübner me infligem uma censura por eu não ter dado á *pedra formosa* a posição d'um frontão, desculpa-se-me de certo um arrazoado *pro domu sua,* e o deslocado dos esclarecimentos seguintes, por poderem auxiliar a decifração d'este enigma.

A idéa, a que obedeci, dando á pedra a posição horisontal, foi só e unicamente a da sua melhor conservação. Mesmo que estivesse provado á luz do sol que ella era um frontão, não lhe dava outra. Tenho provas mais que sobejas de quanto é capaz a selvageria de alguns dos visitantes da Citania, para collocar verticalmente uma pedra que tem 2,90 de largo, 2,28 d'alto, e 0,24 de base, e de base muito desigual, que quem quer poderia tombar com a ponta d'um pau, partindo-a em duas — o que não seria difficil, pois que a pedra tem já um *vento* (rachadella), como dizem os pedreiros briteirenses, que deu sérios cuidados ás pessoas, encarregadas de vigiar o seu transporte de Santo Estevão para o alto. Sei bem que com ferro e chumbo poderia manter a pedra na posição que eu quizesse, e zombar d'estes pequenos vandalos; penso, porém,

que ainda está para nascer o archeologo que me aconselhasse a abrir buracos n'um monumento d'aquelles, mesmo demonstrado que realmente era um frontão.

Mas é um frontão?

Já que se fallou no que eu penso a tal respeito, direi com franqueza que, não obstante a muita consideração que me merecem as opiniões do snr. dr. Hübner, de todas as attribuições dadas á *pedra formosa*, a que me parece mais inaceitavel é a de frontão.

A minha opinião pouco vale, é certo; mas vale alguma cousa o trabalho que tive em aclarar a verdade até onde me foi possivel, e o exame attento, tanto da pedra, como do local em que ella podia ter estado — elementos muito importantes, senão indispensaveis, para esta apreciação, e que faltam absolutamente ao snr. dr. Hübner.

Mesmo para o estudo da pedra em si, a photographia e a gravura, por muito fieis que sejam, não supprem o exame ocular, e nós veremos que muito provavelmente a gravura não disse ao snr. dr. Hübner tudo o que devia dizer.

Quanto ao local, em que esteve a pedra:

Eu não conheço senão dous escriptores que nos fallassem da *pedra formosa*, o corregedor Craesbeck, e o bispo d'Uranopolis [10].

Ambos elles se contradizem em todos os pontos.

Comecemos por Craesbeck:

---

[10] O que diz Barros (*Antiguidades d'Entre Douro e Minho*), fallando d'umas ruinas, não muito longe de S. Torquato, e dando-nos ahi um tumulo de Wamba, de nada serve. Este tumulo de Wamba (frade) é o mesmo de que trata a *Benedictina Lusitana* (I, pag. 487-8). Existe ainda na porta travessa da igreja de Santa Leocadia de Briteiros, que não tem nada de commum com a Citania. O tumulo é hoje para o povo o da Santa que deu o titulo á freguezia.

«Em o alto da Citania está da parte do nascente uma cova, onde se achou a pedra formosa (que assim se chama hoje), a qual consta estar antigamente no dito sitio, posta ao alto, e esta parece ser a pedra chamada Ara de Therma (de certo Nerva [11]), de que Brito (de certo Barros) falla; que devia servir d'altar para os sacrificios gentilicos...

«Pelo discurso do tempo cahiu a dita pedra formosa ao chão; o que sabendo o chantre de Braga, Ignacio de Carvalho, abbade de Santo Estevão de Briteiros, a mandou tirar do dito sitio, e a trouxeram sete juntas de bois, até perto do Paço (aliás Poço) d'Ola junto do rio Ave (onde dizem que ia sahir uma estrada que vinha da dita Citania, por onde se conduzia a agua do dito rio), depois foi d'ahi conduzida para o adro da dita igreja de Santo Estevão por onze juntas de bois, onde está com o lavor para cima, sobre umas pedras altas...; foi conduzida ha cinco annos para o dito lugar em o principio do mez de março de 1718 [12]».

[11] Um grande penedo, onde se lê a inscripção, estampada, sob o n.º 4:796, nas *Inscriptiones Hispaniæ Latinæ*. O snr. dr. Hübner fez d'este monumento, não sabemos se com muito bons fundamentos, um marco milliario. A inscripção volta para o estabelecimento thermal das Caldas das Taipas, que lhe fica ao pé, e que em partes occupa o local, onde foram descobertos banhos romanos, alguns dos quaes se teve a boa lembrança de soterrar de novo, em quanto que outros foram barbaramente destruidos, e dissipadas algumas reliquias que esta casual exploração poz a descoberto, entre ellas uma pequenina columna com inscripção.

Qualquer estrada antiga que passasse por aquelles sitios tinha de seguir, não por diante, mas por traz da «Ara de Nerva». É pouco provavel que um marco milliario voltasse as costas á estrada que designava.

[12] Extrahido do n.º 9, 2.ª serie (1876) do *Boletim da real associação dos architectos e archeologos portuguezes.*

*

Pouco ha aqui de aproveitavel, a não ser a data certa da mudança da pedra para o adro de Santo Estevão. Quasi tudo o mais, como vamos vêr, é imaginario.

Graças ás palavras «está da parte do nascente uma cova», o local onde esteve a pedra, se o nosso informador merecesse credito, ficava tão rigorosamente indicado, que toda a hesitação seria impossivel. Esta cova do nascente era a mina legendaria da Citania, a lura de quantos mouros encantados infestavam as ruinas e seus arredores. Por alli levavam elles os cavallos a beber ao rio Ave, na direcção do poço d'Ola, outra sahida da mina [13].

A cova terá dous e meio metros de bocca, mas estreita logo, e na sua maior extensão mal attinge o diametro d'um. D'aqui se vê que, se a pedra estava na cova, ficava de tal sorte entalada, que era impossivel cahir ao chão.

Estaria ao pé da cova e cahiria depois n'ella?

Tambem não. A mina é aberta dentro d'uma casa redonda, do costumado diametro de 4,77.

Admittir que a pedra estivesse encerrada dentro da casa, além de estranho, é dar de mão á idéa de frontão. Que tal frontão podesse ajustar n'uma casa circular é o que de certo não occorre a ninguem [14].

Não gastemos tempo com Craesbeck. É quasi evidente que elle não sabe o que diz. Ouviu fallar da mysteriosa mina, da pedra; talvez lhe dissessem que a pedra ficava ao pé d'uma

---

[13] O encanto está hoje desfeito. A mina foi desatulhada e limpa, e quem quer póde ir agora até o fim d'ella, depois de descer uns dous metros em linha quasi vertical e continuar pouco mais de quatro n'uma inclinação muito pouco forte. É toda de terra.

[14] Acrescentemos que as immediações d'esta casa foram minuciosamente exploradas. Além de casas circulares e pequenas casas quadradas, com seus respectivos largos, alguns ladrilhados, nada mais ha.

cova (*vide infra*), e, como a unica mina celebre da Citania era a do nascente, engenhou aquellas noticias ao sabor da sua phantasia.

Rejeitando a authoridade de Craesbeck, fazemos o que fez Argote, e este fêl-o sem duvida, por que o bispo d'Uranopolis, seu collaborador [15], lhe provou por *a* × *b* que as informações do corregedor eram n'este ponto o avêsso da verdade, como elle bispo o podia jurar, por ter examinado pessoalmente a Citania, e haver interrogado individuos da localidade proxima.

Com effeito o bispo d'Uranopolis percorreu e examinou as ruinas com certa minuciosidade. Temos d'isso provas, entre outras, nas noticias que nos dá das pedras «com o lavor de hum laço muy usado entre os romanos» (provavelmente Fig. 13), e do baixo relevo (Fig. 3) [16], que representa para elle «hum Satyro pequenino, nú, e com huma tocha na mão, e de traz do tal Satyro outro menino tambem nú, com os braços estendidos».

As suas noticias devem, pois, ser preciosas.

Diz:

> «... para a parte do sul se divisa huma casa, que he mayor, que se acha ainda com parede de dous ou tres palmos; esta dizem que era Templo; e affirmou hum homem que haveria trinta annos se lhe viam arcos subterraneos por ser funda; e que hum chantre de Braga desfez para levar para huma sua quinta as melhores pedras, entre as quaes foi huma marmore, de que depois fallaremos (a *pedra formosa*») [17].

---

15 Vid. Argote, tomo I (*Memorias para a historia ecclesiastica de Braga*), pag. XVIII.

16 O baixo-relevo foi encontrado no meio d'um montão de pedra Umas duas ou tres pedras d'ornamentação igual á da fig. 13 andavam á superficie do sólo, d'onde as recolhi.

17 Em Argote, ob. cit. (Pag. 459).

É de crêr que o *homem*, informador do bispo, fosse natural de Briteiros e tivesse visto a pedra no seu lugar.

Não ficava a nascente, como diz Craesbeck, mas a sul; estava dentro d'uma casa maior que as outras, onde se viam arcos subterraneos, etc.

Uma exploração cuidadosa d'esta parte do sul, guiada por tão boas indicações, ha-de acertar com o local desejado. Mesmo que os dous ou tres palmos de parede da casa maior tivessem desapparecido, deviam conservar-se os alicerces d'esta casa excepcional; mas, dando de barato que tambem desapparecessem, o que é muito improvavel, a exploração ha-de encontrar a cova, deixada pelo subterraneo, d'onde foram extrahidos os arcos, por que o chantre de certo tambem levou os arcos, como adiante faremos vêr. Deve ser este o melhor objectivo das buscas — a cova — tanto mais que uma tradição, ainda corrente entre as pessoas instruidas dos arredores da Citania, e muito apaixonadas por ella, sustenta que a *pedra formosa* esteve ao pé do «sobreiro grande», onde d'antes havia uma cova.

Procuremos esta nova cova.

Não é difficil dar com ella.

Fica realmente ao pé do «sobreiro grande». Depois de desatulhada de pedregulho, e varrida até á terra virgem, offerece um fundo muito desigual, tendo na sua maior altura um e meio metros, e de largura pouco mais de tres.

Mas esta cova não fica dentro de casa nenhuma; fica n'uma pequena praça ladrilhada, tendo sido necessario, para abrir a depressão que ahi vêmos, descalçar uma boa porção de ladrilho.

Se a *pedra formosa* aqui esteve, esteve então ao ar livre...

Parece que andamos desnorteados, e que não póde ser esta cova o subterraneo, de que fallava o bispo.

Temos um expediente.

Com a exploração de toda esta parte do sul havemos de desencantar por força a enfeitiçada cova, e chegar a algures.

Ha mais de dous annos que a exploração está feita. O terreno foi sondado com o maior escrupulo.

Este bairro era o mais importante da Citania. Foi aqui que appareceu a *pedra Camal* (Fig. 14), e uma parte das pedras ornamentadas (Fig. 11, 12, 13, 15) [18], e a lage com a gravura d'uma ellipse dobrada e o nome de *Camal,* ao pé (*Renascença,* n.º cit. pag. 25), e a inscripção *Coroneri Camali domus,* e a maior parte dos fragmentos ceramicos com a marca *Arg Camal,* e a estatua da deusa (Fig. 4), e não longe o baixo relevo (Fig. 3); mas de cova nem signaes. Apenas dentro das paredes arruinadas da antiga capella de S. Romão se encontrou um como poço, de pouco mais d'um metro de fundo, e outro tanto de largo. Claro é, porém, que a pedra não podia ter estado aqui.

Quasi todo o bairro é ladrilhado. As suas casas, as suas pequenas ruas, as suas pequenas praças estão bem á vista, e podemos agora affirmar que nenhuma das casas foi destruida até os alicerces. Aqui havemos de achar por força a casa «mayor» com dous ou tres palmos de parede.

---

[18] A portada de Sabroso, de que já atraz se fallou, veio explicar o destino das pedras (Fig. 13 e 15). O ornato d'esta ultima (duplo cordão) era o perfil da hombreira, que umas vezes é inteiriça, outras não. Na portada de Sabroso, o cordão dobrado, que tem uma pollegada forte de relevo, quebra em angulo recto, um pouco abaixo da linha da soleira, e continúa triplicado, com um terceiro cordão (que nasce engenhosamente do angulo), até um ponto da casa (circular), que as peças encontradas não permittem precisar. Ahi quebrava de novo em angulo recto correspondente ao primeiro. Falta o remate d'esta ornamentação, quer da esquerda, quer da direita.

Parallela á hombreira, corre de cima a baixo uma faxa com a ornamentação da fig. 13, que vem assentar no cordão, logo que elle quebra no primeiro angulo.

A padieira d'esta porta falta.

Não ha muito onde escolher. A maior parte das casas são circulares; algumas ha quadrilongas, mas pequenas.

As maiores são duas, quasi do mesmo tamanho e separadas por um pequeno largo [19].

Uma d'ellas reune a circumstancia de estar contigua á praça ladrilhada, onde já exploramos a cova «ao pé do sobreiro grande».

Se não nos enganamos, é esta a casa, de que fallava o bispo. Antes da exploração, mostrava já «dous ou tres palmos de parede», em quanto que a sua visinha, por ficar n'um plano mais baixo, estava quasi toda soterrada.

Esta casa merece, pois, uma attenção particular.

Tem ao norte, e ao sul, e quasi a tocar com ella, duas casas circulares. O seu pavimento, o da casa circular do norte, e o da praça ladrilhada, onde, repetimos, exploramos a segunda cova, ficam todos no mesmo nivel.

Pelo nascente, ha o pequeno largo que a separa da casa quadrada, sua visinha, mas o pavimento d'esta casa fronteira, o do largo, e o da casa circular do sul, estão um bom metro abaixo do nivel da casa, de que tratamos, de modo que, para ir do largo para ella, tinha de se subir e effectivamente subia-se por uma rampa [20] ladrilhada, de cinco palmos de largo.

Era por aqui a entrada, a unica entrada. Não podia haver outra, nem pelo norte, nem pelo sul, por onde já dissemos tocarem com ella duas casas circulares. Para a praça ladrilhada do poente tambem de certo não a havia, não tanto porque a parede d'este lado da casa não offerece solução de continuidade,

---

[19] O seu diametro maior é de $7^{m},93$; o menor de $5^{m},95$; n'outros bairros ha casas d'iguaes dimensões.

[20] Caso unico, na Citania, o d'uma rampa levando para a entrada d'uma casa.

indicando rasgo de porta — o que não é prova decisiva, visto que a maior parte das portas subia, como já sabemos, alguns palmos acima do pavimento, mas porque ainda não encontrei na Citania casa alguma com duas portas [21].

Ao cimo da rampa foi achada a *pedra Camal,* que eu entendo que assentava immediatamente sobre as hombreiras, a modo de padieira, com os lavores para fóra, é claro, estando no mesmo caso a *pedra Coronero,* e as duas outras gravadas na *Renascença* com os n.os 6 e 7. O sitio, em que a *pedra Camal* appareceu, é precisamente aquelle, onde devia cahir a padieira da porta, á qual conduzia a rampa.

N'esta porta, e em vez d'esta padieira, é que havemos de pôr a *pedra formosa* como frontão?

Inteiramente impossivel. As paredes da casa seriam esmagadas debaixo d'aquelle peso enorme [22].

E onde está o «subterraneo», de que nos fallava o bispo? Não sei. Dentro da casa não ha subterraneo, nem a menor depressão.

A não prescindirmos d'uma cova, temos de voltar á do «sobreiro grande» e admittir que a *pedra formosa* ficava ao céo aberto.

A prescindirmos da cova, temos de acreditar que o bispo e o seu informador estavam confundidos.

A causa da sua confusão póde bem ser esta. Entre a casa «mayor» e a casa fronteira, já dissemos que havia um pequeno

---

[21] E porta voltada ao poente apenas uma.

[22] A mesma observação se póde applicar a todas as casas da Citania. O seu apparelho é de duas folhas, o externo de pedras grandes ou pequenas, ou tudo á mistura, quasi sempre sem regularidade alguma nas fiadas, o interno geralmente de pedras pequenissimas. Encontrar pedra de travação que ligue as duas folhas é quasi um milagre. A argamassa é barro ou terra.

largo. Os estroços das ruinas atulhavam-no, e, antes da remoção do pedregulho e da terra que o pejavam e que em partes subiam até o nivel do pavimento da casa, era possivel suppôr que o largo ainda fazia parte d'ella. Admittindo agora que a pedra ficasse no largo, e lembrando que o pavimento do largo andava realmente um metro abaixo do da casa, aqui temos o que basta para illudir um observador superficial, suscitando-lhe a idéa d'um subterraneo.

Mas, se assim foi, nós que estamos mais adiantados, sabemos que nenhum subterraneo existia, nem dentro nem ao lado da casa «mayor»; e, quer voltemos á «cova do sobreiro grande», quer fixemos o local da pedra no largo, ao nascente da casa, não encontramos edificio algum, onde possamos collocar um frontão. Ao contrario, tanto n'uma como n'outra parte, a *pedra formosa* devia ficar isolada, e ao ar livre.

Quanto á sua posição nada se nos diz.

As informações de Craesbeck, que a dá «posta ao alto», sabemos a importancia que merecem.

Das noticias do bispo menos se colhe ainda. Ha, porém, n'ellas uma particularidade, que me parece não dever passar desapercebida. O abbade de Santo Estevão levou para a sua quinta a *pedra formosa* e outras pedras. Cotejando esta affirmativa com os resultados da exploração, é para mim fóra de toda a duvida que estas outras pedras nada mais eram que os «arcos subterraneos da casa maior».

Sendo assim, occorre logo perguntar para que transportaria o abbade a uma sua quinta uns arcos subterraneos, que não podiam passar de pedras mais ou menos brutas? Que elle pozesse em boa guarda a *pedra formosa,* cujo valor apreciou, explica-se bem, mas as pedras d'um subterraneo!

Este enigma tem para nós uma unica solução. O archeologo-amador, transportando da Citania a *pedra formosa* e as pedras do pretendido subterraneo, levou todas as peças que compunham o monumento, d'onde é licito inferir que o montou novamente,

primeiro na sua propriedade do Poço d'Ola, depois no adro de Santo Estevão, do mesmo modo que o vira na Citania [23].

Ora, no adro de Santo Estevão a *pedra formosa* estava posta horisontalmente sobre supportes grosseiros, em alguns dos quaes se nota uma ligeira curva. São estas as pedras do subterraneo? Quer-me parecer que sim; mas, por mais que as espreitasse, nada encontrei n'ellas que podesse indicar-me um outro prestimo, senão o de supportes quasi brutos, que podem ser substituidos por quaesquer outros.

Aqui está quanto se póde liquidar das noticias escriptas e das tradições.

Examinemos agora a pedra em si:

Abundamos tanto nas idéas do snr. dr. Hübner—de que todas as cousas hão-de ter uma *utilidade manifesta*—devendo este criterio estar sempre presente, quando interpretamos um monumento, que foi d'este ponto que partimos, sempre que contestamos a opinião dos que davam á pedra uma posição vertical.

A *utilidade manifesta* dos lavores da superficie é serem vistos, sem duvida nenhuma; mas tão vistos podem elles ser na

---

[23] A volubilidade que mostra o abbade, levando primeiro para a sua propriedade do Poço d'Ola, depois para o adro de Santo Estevão, que não fica a dous passos do Poço, uma pedra que só umas poucas de juntas de bois podem remover, não se explica razoavelmente senão pela boa lembrança de pôr sob a protecção da parochia um monumento, que no Poço d'Ola se tornaria propriedade dos seus herdeiros, ficando sujeito aos caprichos e ás barbaridades d'um particular. N'este caso, se as pedras do arco, ou quaesquer outras, trazidas da Citania, tivessem um valor artistico, iam de certo procurar a mesma protecção e seriam respeitadas, como o foi sempre a *pedra formosa*.

Nunca é de mais repetir que são necessarias umas poucas de juntas de bois para remover a pedra, sendo por isso quasi certo que o abbade Ignacio a encontrou no mesmo sitio da Citania, em que ella esteve desde o seu principio.

posição vertical, como na horisontal, uma vez que n'esta ultima posição o olhar do espectador domine a superficie da pedra. Ora, ninguem disse até hoje que a pedra devesse ser collocada a maior altura, que os olhos d'um homem. Pelo contrario; os que a consideram como uma ara acrescentam que a superficie da pedra não póde altear mais, que o peito do sacrificador.

Qual é agora a *utilidade manifesta* da cavidade triangular *a*, e da cavidade semi-lunar *b* (Vide Est. I)? Se lançarmos um copo d'agua na primeira cavidade, o liquido passa para a segunda por um orificio vasado por baixo do cordão que as separa, e da segunda escôa-se para o lado do recorte semi-circular *c* por outro orificio vasado por baixo do cordão que separa o recorte da cavidade [24]. A sua *utilidade manifesta* é a de receber um liquido; não se lhe percebe outra. Posta a pedra horisontalmente, o liquido lança-se naturalmente e aproveita-se todo. Colloquemol-a verticalmente; para lançar um liquido n'estas cavidades, que pouco mais teem de uma e meia pollegada de fundo [25], e não entornar metade por fóra, é necessario... um funil, ou cousa equivalente, e ainda assim!

Na posição horisontal, se queremos encher as cavidades até ás bordas, podemos fazel-o, tapando os orificios, porque as suas paredes ficam então no mesmo nivel. Collocando a pedra verticalmente, estes receptaculos pódem ser representados por um copo quebrado, que d'um lado tivesse uma pollegada de parede, e de todos os outros tres ou quatro. De que serve isto?

O cordão central, que divide a pedra, é rematado na parte opposta ao recorte semi-circular por uma cavidade redonda *d* de

---

[24] A isto nos referiamos, quando atraz dissemos que provavelmente as gravuras não tinham dito ao snr. dr. Hübner tudo o que deviam dizer.

[25] A medida exacta da profundidade d'estas cavidades é digna de reparo; a triangular tem no vertice 0,03, na base 0,05; a semi-lunar no vertice 0,05; na base 0,07.

0,05 de fundo, e 0,14 de diametro. Esta cavidade não é vasada, como o snr. dr. Hübner affirma (Pag. 9) [26].

Qual é a sua *utilidade manifesta?* De receber um liquido? Provavelmente não. Aqui não ha orificio d'escôo. Mas innegavelmente encaixava n'aquella cavidade alguma cousa. Pondo a pedra horisontalmente, esta cousa ficava na posição vertical e mantinha-se bem n'ella em virtude do seu proprio peso. Dêmos á pedra a posição vertical; o objecto, qualquer que fosse, tomava então a horisontal, fazia braço d'Hercules, e mais agora, mais logo, despegava da cavidade, onde encaixava pela base.

Em summa, para sustentar que a *pedra formosa* deve ser collocada n'uma posição vertical, é preciso demonstrar a *utilidade manifesta* da sua cavidade triangular, da semi-lunar, da redonda, e ainda do recorte semi-circular, que nenhuma razão de ser teem n'um frontão; é igualmente preciso demonstrar que a explicação, que mais naturalmente se offerece ao observador, tem pouco de racional, e porque.

Em quanto isto se não fizer, ninguem exigirá certamente que troquemos uma opinião, com algumas razões a seu favor, por outra que não só não tem nenhuma, mas que deixa em pé as que lhe trancam o caminho direito.

Porque, acrescentemos, as razões empiricas, com que o snr. dr. Hübner bate a questão de flanco, afiguram-se-me menos solidas.

«Não sei, diz, nem no mundo antigo, nem no mundo celtico de aras de sacrificio d'este feitio, cobertas d'ornatos abertos n'um relevo tão saliente». Mas conhece o snr. dr. Hübner algum frontão, ou alguma stella, que se assimelhe á *pedra formosa?*

No caso affirmativo, o problema fica resolvido pela comparação de monumentos congeneres.

---

[26] Vid. nota 24.

No caso negativo, que, se não erro, é aqui o vigente, temos a concluir que tambem para o experimentado archeologo a *pedra formosa* é um monumento unico no seu genero, não passando a sua opinião d'uma mera hypothese, hypothese muito respeitavel pela authoridade de quem a exhibe, mas perdendo metade do seu valor, pelo menos, em vista dos motivos atraz expendidos, e que é escusado repetir.

E, mesmo no terreno das hypotheses, as opiniões do snr. dr. Hübner são, a nosso juizo, vulneraveis. Eu por mim não chego sequer a comprehender como um barbaro da Citania, tendo o intuito de imitar um frontão greco-romano, o reproduzisse n'uma pedra inteiriça, como a *pedra formosa.* Em geral, o imitador barbaro, ou não barbaro, perde a consciencia propria no trabalho que copía; não tem olhos e attenção senão para o seu modêlo; as faculdades inventivas paralysam-se. Ora, n'este trabalho do nosso citaniense que, querendo imitar um frontão greco-romano, composto de cem peças, nos apresenta um frontão n'uma peça inteiriça, não ha sómente imitação, ha innovação, ha uma creação nova, e uma creação esquipatica e absurda, como facilmente se imagina que o é um frontão de menos de tres metros de largo, já não digo n'um edificio colossal, mas n'um edificio que tenha o dobro de frente — isto sem fallar na *inutilidade* agora *manifesta* das cavidades, e recortes, ácerca dos quaes já disse o bastante.

Por entrar na mesma ordem d'idéas, chamamos para aqui a conjectura do snr. dr. Hübner (Pag. 22) a proposito da casa de Coronero:

«Não são porém raros os sepulchros que foram chamados *domus* ou *domus æterna,* como sendo as habitações perpetuas dos defuntos. Póde ser, por isso, que a pedra de Coronero e mesmo a *pedra formosa* fizessem parte de sepulchros; é possivel ainda que as habitações, as choupanas, sejam um dia reconhecidas como taes».

Já atraz expuz as razões que tinha para considerar a *pedra*

Camal como padieira d'uma casa quadrilonga. No mesmissimo caso me parece estar a *pedra-Coronero*. Foi encontrada á beira d'uma casa tambem quadrilonga, sem que nas visinhanças houvesse casa circular que podesse disputar-lhe a propriedade. Duvido pois muito que as previsões do snr. dr. Hübner cheguem a realisar-se. Vem a proposito ajuntar que ainda até hoje não vi nos achados das casas circulares, e quadradas, cousa alguma que legitime a supposição de que a differença de fórma implicasse um destino differente.

A *pedra formosa* tinha alguma cousa de commum com os mortos?

Eu sustentei até agora, como m'o mandava a consciencia, que a sua posição vertical tinha razões contra, e nenhuma a favor. Rejeitei sempre a attribuição de frontão, que teve alguns sectarios, e não pude tambem subscrever á opinião dos que a tomavam como uma stella funeraria.

Um dos motivos, porque me afastei d'este modo de vêr, é assim combatido pelo snr. dr. Hübner:

«Os que dizem que a pedra não póde haver pertencido a um monumento funebre, porque foi achada dentro do circuito murado tiram uma conclusão muito arriscada. As disposições legaes d'uma civilisação mais adiantada fizeram com que os tumulos fossem separados em toda a parte, pouco a pouco, da habitação dos vivos, porém os povos dotados d'uma civilisação primitiva enterravam os seus mortos dentro das povoações ou perto d'ellas, afim de os ter perto, até na morte».

Estas reflexões seriam concludentes, se o snr. dr. Hübner nos provasse que alguns povos no mesmo grau de civilisação, que se nos revela na Citania, e mórmente povos da mesma raça, enterravam os seus mortos dentro do primeiro recinto dos muros. Todas as considerações, desacompanhadas d'esta prova, deixam-nos no mesmo vago em que estavamos, e temos de procurar luz nos indicios que a Citania póde fornecer-nos a tal res-

peito, já que infelizmente a não podemos tirar de factos positivos e evidentes.

Rejeitando os enterramentos dentro do primeiro recinto da Citania, não me fundei unicamente na razão especulativa que o snr. dr. Hübner refuta; acrescentei — que, se os enterramentos eram dentro do primeiro recinto dos muros, e a *pedra formosa* era uma stella funeraria, deveriamos encontrar por lá monumentos da mesma especie, embora menos luxuosos; que, dando de barato que tal ornato sepulchral não pegasse de moda, nem tivesse imitadores — o que não deixa de ser singular — se os enterramentos se faziam dentro do primeiro recinto de muros, era inacreditavel que a exploração das ruinas, tendo sondado uma área não pequena, não houvesse encontrado aqui ou alli um unico signal d'enterramento d'especie alguma; que os monumentos megalithicos já conhecidos, bem que mal classificados, e muitas grutas hoje despojadas, onde não andou só a mão da natureza, e que é possivel relacionar com usos funerarios, induziam a crêr, por ficarem todos entre a segunda e terceira ordem de muralhas, que era n'esta zona, e não no interior da povoação, que os citanienses depositavam os seus mortos.

Que d'estes indicios se não possa formar uma prova decisiva, concordo; o que elles affirmam todavia é que, repellindo a idéa dos enterramentos dentro do primeiro circuito de muros, me não vali sómente de lugares communs.

É mais que tempo de mudar d'assumpto.

Figuras d'animaes

«Na parte exterior de uma outra (casa) existe uma pedra na qual se vê gravada em contornos uma figura de quadrupede com grandes orelhas». (Pag. 18).

«Entre as obras de esculptura recentemente descober-

tas e photographadas ha tres cabeças de javali, uma bastante bem conservada, as outras duas maltratadas...» (Pag. 20) [27].

«... Tambem appareceram mais alguns ornatos abertos na pedra (por ex.: a cabeça d'um javali)». (Pag. 25).

Na Citania não apparece a figura do animal. Ha n'este ponto entre Sabroso e a Citania um contraste, que tentei pôr em relevo n'um artigo, já enviado para a *Renascença*.

N'uma pedra d'um muro de supporte, não d'uma casa, nota-se, é verdade, uma gravura, onde alguem quiz vêr a figura d'um quadrupede. Compõe-se a gravura de quatro traços perpendiculares, de tres pollegadas de comprido e uma de intervallo, ligados pela sua extremidade superior por uma outra linha horisontal, que d'um lado e d'outro se recurva para baixo. Os quatro traços perpendiculares seriam as pernas; a curvatura da linha horisontal d'um lado a cauda, do outro o focinho.

Nunca pude conformar-me com a idéa de incluir esta figura no mundo zoologico.

Quanto ás grandes orelhas... não fallemos n'isso.

As cabeças de porco, ou de javali, são de Sabroso, não da Citania.

São duas [28], não tres. Se são tres as photographias, é que duas d'ellas representam o mesmo objecto por dous differentes lados, tendo a segunda por fim mostrar uma saliencia quadrada

---

27 «A cabeça humana de trabalho mais rude», a que o resto da noticia allude, não pertence á Citania, mas a Santa Iria — um pequeno forte, quasi do tamanho de Sabroso, e tão perto como este da Citania (um kilometro, pouco mais), bem que n'uma direcção diametralte opposta.

28 Mais exactamente uma cabeça completa e a parte anterior d'outra.

na parte posterior da cabeça, por onde se vê que ella casava n'um corpo, do qual ninguem me deu nunca noticias.

Não sei ao que allude «a cabeça de javali, aberta na pedra». Basta, porém, dizer-se que não ha mais javalis do que os mencionados acima.

Moedas

«Resta porém saber se são moedas das series celtibericas no sentido restricto». (Pag. 21).

As moedas apparecidas na Citania e decifradas pelo snr. dr. Aragão, são as seguintes:

«Metade d'um bronze de Calaguris Julia, vendo-se distinctamente parte da cabeça d'Augusto e o monogramma MVN. *Rev.* O quarto posterior do boi e por cima em duas linhas II. VIR. C. MAR. C.

«Metade d'um bronze de Celsa, divisando-se tambem parte do busto d'Augusto e as letras: VSTVS. *Rev.* O quarto posterior do boi e as iniciaes c. V. I. CEL. MAN. FES.

«Um grande bronze de 31 millimetros de diametro d'Emerita Augusta TI. CAESAR. AVGVSTVS. PONT. MAX. Busto de Tiberio á direita. *Rev.* AVGVSTA EMERITA, escripto em duas linhas na porta da cidade, séde do *conventus emeritensis.*

«Um bronze de Turiaso. IMP. AVGVSTVS. P. P. Busto laureado do imperador á direita. *Rev.* M. CAECIL. SEVERO. C. VAL. AQVILO. TVRIASO; no campo dentro d'uma corôa de louro II. VIR.

«Mais tres medianos bronzes; n'um percebe-se o busto d'Hadriano no anverso; no reverso uma figura de pé

á direita junto a uma insignia militar e na orla...
VGVS».

Juntemos mais duas metades de dous bronzes medianos e tres pequenas moedas *forradas*, tudo completamente safado, e aqui está o medalheiro que possuo da Citania.

A moeda de certo mais importante, e, a meu vêr, «celtiberica no sentido restricto», perdeu-a o snr. dr. Miguel Osorio, que tinha tenção de a offerecer ao Instituto de Coimbra, promettendo-me a decifração que d'ella dessem os membros d'aquella corporação.

Era de prata, de 17 millimetros de diametro, e imperfeitamente circular. No anverso um busto olhando á direita; no reverso um cavallo galopando á direita, a que falta a cabeça, não porque a moeda esteja quebrada, mas, se a memoria me não engana, porque o seu contorno irregular n'este ponto não offerecia campo para a cunhagem. Da legenda, extremamente safada, creio poder afiançar as primeiras quatro letras T I ≲ ♀. As tres ultimas poderiam lêr-se LMT, porém, com muita duvida.

Dando conta das moedas encontradas na Citania, não sáio do plano que me impuz n'este escripto. Este *hors d'œuvre* apparente visa a fornecer ao snr. dr. Hübner dados chronologicos mais exactos ácerca da destruição do nosso *oppidum* callaico, que os que teve, quando escreveu: «... invasão (occorrida na era de Augusto) que marcou provavelmente ao mesmo tempo a hora fatal d'este lugar e de outras pequenas antigas povoações». (Pag. 24).

Que a população callaica ainda continuou a viver na Citania, pelo menos até Hadriano, dizem-no as moedas; mas que já então, e desde Augusto, as suas muralhas fossem uma ruina é muitissimo provavel.

*

Marcas figulinas

«Alguns dos fragmentos ceramicos apresentam inscripções e accusam as mesmas marcas conhecidas da ceramica romana... Uma terceira marca que se acha em varios fragmentos CAMAL ARG ou ARG CAMAL é para mim até hoje inedita. Isto não prova comtudo que ella seja peculiar e exclusiva da Citania... é possivel que o fabricante pertencesse a qualquer outra localidade da peninsula iberica; não era forçoso assignar-lhe o lugar da Citania, e ainda menos forçoso concluir pelo nome de *Camalus,* que é com effeito celtico puro, (como se vê no nome do Marte britannico *Camalus, Camalodunum* e outros) sobre a origem celtica do lugar da descoberta». (Pag. 21 e 22).

«As telhas com marcas figulinas não são menos interessantes. A mais completa diz... [29]. Isto é: *Ag...* (ou *Aeg...*) *Camal;* provavelmente dous nomes.

«Ha tres outras que parecem designar o mesmo figulo... [30]. O que se traduz claramente *Arc;* nomes como *Arco, Argœlus* e semelhantes não são raros nas regiões celticas da peninsula». (Pag. 23 e 24).

Se o snr. dr. Hübner visse os originaes, desenganava-se

---

[29], [30] Sem alterar o sentido do texto, supprimi as gravuras das marcas, publicadas pelo snr. dr. Hübner, uma das quaes, pelo menos, é pouco fiel. Nas estampas, ao fim d'este opusculo, dou o *fac-simile* de todas as variedades das marcas, no seu tamanho natural.

A primeira gravura do snr. dr. Hübner referia-se de certo ao n.º 6; as tres ultimas aos n.ºs 1, 4 e 2. (Vej. Est. II).

logo de que nem é possivel a lição *Ag...* ou *Aeg...*, nem a de CAMAL ARG.

Esta marca nunca apparece em telhas.

O nome ARG, que seria possivel algumas vezes lêr ARC [31], mas onde o *R* é sempre distincto, encontra-se na parte externa do bôjo de duas vasilhas. (Vid. Est. II, n.° 1 e 2) [32].

A marca ARG CAMAL, sem que pelas minhas observações seja permittido transpôr os dous nomes, apparece na parede interna da bocca de grandes vasos. (Est. II, n.° 5 e 6) [33].

São marcas d'oleiro?

Os seguintes esclarecimentos não serão inuteis para quem quizer dar-se ao trabalho de estudar este problema, talvez um dos mais interessantes que nos offerece a Citania.

As vasilhas em que taes marcas se encontram, são de grandes dimensões [34], de barro grosseiro, e muito triviaes na Citania. A grande maioria d'ellas não tem marca nenhuma.

Não podem ser louça de importação estrangeira; são artefactos d'oleiros da localidade ou das terras proximas.

Admittindo a existencia d'um oleiro indigena que marca as suas vasilhas com os nomes de ARG CAMAL, e attentando na variedade da fórma de letras das suas estampilhas e n'outras particularidades, que vão já vêr-se, não podem deixar de acudir as seguintes reflexões:

Houve na Citania, ou localidades visinhas, um oleiro que fazia vasilhas de barro grosseiro, e tinha o capricho de as marcar, levado de certo pela imitação do que via nas vasilhas estrangeiras; mas entendeu, ao que parece, que n'este negocio

---

31 Veja-se a nota 36.

32 Como o fragmento da marca n.° 3.

33 Como a marca n.° 4.

34 Algumas tinham 0m,32 de diametro na parte mais estreita da bocca, como o permitte verificar a curva dos seus fragmentos.

de marcas podia deitar a um canto os seus modêlos. Assim, em vez de marcar os seus artefactos com letras de tres millimetros, como fazia, por exemplo, o seu confrade Crispinus, marcava-as com letras de mais de pollegada; em vez de usar sempre de letras do mesmo typo, tinha uns poucos de sinetes de letra differente [35]; em vez de pôr o nome onde todos os outros o costumavam pôr, escolheu outro sitio: a bocca das vasilhas.

Este excentrico oleiro, não obstante a profusão dos seus sinetes, só se remetteu á posteridade em pouco mais d'uma duzia de artefactos. Se teve imitadores, só nos é conhecido um, MAN (todas as letras ligadas), este muito mais modesto, pois que só marcou uma vasilha, á ponta, na pasta fresca, da fórma e barro das já conhecidas.

O nosso oleiro, que sabemos chamar-se ARG CAMAL, ainda se singularisa por outra exquisitice; em vez de assignar-se sempre do mesmo modo, umas vezes assigna ARG [36], outras vezes ARG CAMAL.

Cabe aqui uma observação muito notavel. Nas inscripções com o nome de *Camalo,* encontradas na Hispanha (e não são poucas), o nome de *Camalo* apparece sempre isoladamente: *Càmalo,* filho de tal; um tal, filho de *Camalo*. Não ha excepção. Como appellido nunca se encontra.

Na Citania o mesmo. Temos o nome de CAMAL (sic) puro e simples, n'uma padieira, n'uma lage, e figurando tambem só, como pai de *Coronero*.

Este CAMAL citaniense é sem duvida alguma um grado personagem; mas comtudo isso segue o costume corrente de se fazer conhecer apenas pelo seu nome proprio, sem additar-lhe appellido de familia.

---

[35] As letras d'estes sinetes eram em relevo; só as do n.º 1 e 3 é que são abertas á ponta, em barro fresco.

[36] Veja-se a nota seguinte.

Pois o que não fez este magnate, fêl-o um oleiro...

Trilharemos nós caminho errado? Se uma das lentes, através da qual havemos de decifrar um monumento, é a sua manifesta utilidade, a parvoice—porque não teem outro nome as extravagancias que estamos a attribuir ao oleiro—a parvoice, sobre a qual architectamos a biographia d'um homem, deve tornar-se suspeita.

Pela nossa parte, pedimos licença para procurar uma explicação mais racional d'estes factos.

É assente entre os competentes (*Birch, Caumont,* etc.) que a marca d'uma vasilha, mórmente se é encontrada fóra dos sitios que lhe assignou a rotina, póde nem ser marca do oleiro, nem do modelador. Muitas vezes o nome estampilhado é o do individuo, que encommendou a vasilha, ou a quem ella foi offerecida.

Admittindo que é este o nosso caso, a variedade de letras d'um mesmo nome explica-se naturalmente. Differentes oleiros, aos quaes foram encommendadas vasilhas com o nome do seu futuro proprietario, engenharam as estampilhas como puderam e souberam, não havendo nada de estranho que se differencem umas das outras: a estranhar era o contrario.

Agora, este individuo, cujo nome os oleiros, ou por encommenda ou por lisonja, estamparam no barro, é um, ou são dous? chama-se ARG [37], ou ARG CAMAL? ou um chama-se ARG, outro CAMAL?

---

[37] Quer-nos parecer que o nome das marcas n.º 1, 2 e 4, é um e o mesmo que o primeiro do n.º 6. Aqui o G não offerece a menor duvida. Acolá, em vez do G, temos C. Provém isto da inhabilidade do gravador, ou d'um facto que não estamos habilitados a explicar, e em virtude do qual a substituição da guttural forte pela branda se podia fazer n'esta palavra sem inconveniente?

A não ser isto, a questão enreda-se cada vez mais, sem prejudicar a minha hypothese; nos n.os 1 e 2 leriamos ARC, no n.º 4 AIRC, no n.º 6 AIRG.

Nada de impossivel que na Citania houvesse dous individuos dignos da honraria de serem celebrados por oleiros; muito provavelmente o MAN, de que fallamos atraz, entra n'esta categoria. Mas a coincidencia de terem dous d'estes homens, um o nome proprio de *Arg...*, outro o nome proprio de *Arg...* e o appellido de *Camal,* e o facto já mencionado de não se encontrar uma só vez nas inscripções hispanicas o nome de *Camalo* como appellido, não permittem que rompamos por esta solução fóra, sem olharmos para traz, tanto mais que temos na Citania um homem muito considerado, chamado simplesmente *Camal,* e que uma porção dos fragmentos de barro com os nomes ARG CAMAL appareceu perto da casa que elle habitou, podendo muito bem ter vindo d'alli [38].

Se o CAMAL citaniense fosse, por exemplo, um chefe de tribu, o senhor da cidade, e tivesse como tal um titulo honorifico; se este titulo honorifico podesse exprimir-se por uma palavra que se aproximasse de ARG [39], todo o problema nos parecia bem encaminhado. Então nada de admirar que *Camal* fosse umas vezes nomeado pelo seu titulo honorifico, outras vezes pelo seu nome proprio, precedido pelo titulo honorifico; umas vezes tratado por ARG, outras por ARG CAMAL.

Ora no neo-celtico apparece ainda hoje a palavra *Arg* com o significado de principe (O'Reilly, Irish-English Dict. v. *arg, airg*).

Dir-se-ha que esta coincidencia póde ser meramente casual.

---

[38] Os outros fragmentos appareceram longe da casa-Camal, mas tambem reunidos. O local da descoberta não forneceu esclarecimento algum aproveitavel. Não é impossivel que esta segunda casa fosse outra propriedade do mesmo personagem, ou d'algum de seus herdeiros.

[39] Livio falla muitas vezes de reis, regulos, principes celtiberos. Infelizmente o vocabulo original é desconhecido.

Outra:

Nos fragmentos ceramicos, de que tratamos, uma das leituras correntes é ARG [40]; outras vezes a ligadura das letras está disposta de tal arte, que a segunda perna do *A*, que fórma tambem a haste do *R*, se eleva intencionalmente, indicando que n'este traço, já commum ao *A* e *R*, ainda se incorpora um *I*, de sorte que a leitura é AIRG (Vid. Est. II, n.º 4 e 6). Quando tal succede, e apparecem os dous nomes *Arg Camal* juntos, no nome CAMAL, a ultima haste, formando a ultima perna do ultimo *A*, do *M*, e do *L*, eleva-se igualmente, obrigando a lêr CAMALI.

Assim, n'uma parte ARG, n'outra AIRG CAMALI (Vid. Est. II, n.º 6).

Ora *airg* é o genitivo de *arg*, segundo O'Reilly (v. *airg*), dando-se aqui, ao que parece, um caso de flexão interna; d'onde resulta que CAMALI, genitivo, acompanha com AIRG, genitivo, segundo O'Reilly; ARG, nominativo segundo o mesmo author, acompanhava provavelmente com CAMAL, nominativo [41].

Eu não digo que se tomem estas coincidencias, que se não

---

[40] Veja-se a nota 36, e n.os 1 e 2.

[41] Digo provavelmente. Nos fragmentos ceramicos que tenho encontrado a leitura mais segura é CAMALI. O nome de *Camal* no nominativo só o poderiam dar os fragmentos que completassem os n.os 1 e 2, que nunca appareceram, sendo mesmo possivel, senão provavel, que nunca appareçam, se, como tenho razões para crêr, o nome ARG andava aqui desacompanhado d'outro qualquer. Escrevendo *Camal* e não *Camalus*, authorisa-me a isso a leitura da pedra Camal, e principalmente a gravura na lage, já mencionada n'este escripto; e se não me engano, as inscripções antigas, assim como alguns monumentos mais modernos, offerecem nomes celticos em identicas circumstancias. É inutil advertir que para a opinião que sustento é-me indifferente que se leia ARG CAMAL, ou ARG CAMALVS. Não quiz porém perder a occasião de notar pela segunda vez, bem ou mal, este facto linguistico, que póde ter sua importancia.

negará serem muito singulares, como provas concludentes; peço que não sejam desprezadas.

Se em ARG se não quer vêr um nome completo, mas se dá por provado que lhe falta a desinencia casual e alguma cousa mais, como succederia, se o nome fosse *Argælus,* ou equivalente, na leitura AIRG CAMALI esta opinião tem de se confessar um pouco embaraçada. CAMALI é um nome completo, e a sua integridade não póde justificar agora a abreviatura do primeiro nome, como em *Arg Camal* a supposta abreviatura d'este ultimo justificava a abreviatura d'aquelle.

E, se em AIRG temos uma flexão interna, como é muito possivel, o nome está completo, pois que o lugar da vogal de flexão n'estes casos é antes das consoantes terminaes (*Zeuss, Gram. Celt.* 2.ª ed. pag. 220).

Devo pedir desculpa por entrar n'um terreno tão escabroso, e onde a minha competencia não é grande. Muito pelo contrario. De certo, porém, não serei acoimado de importuno por chamar para este curioso enigma toda a attenção que elle merece.

Inscripções

«Se o texto está completo, como creio, o sentido é claro: *Coroneri Camali domus,* ou: casa de *Coronerus,* filho de *Camalus*». (Pag. 22).

«A outra pedra é um cippo tosco; as duas linhas da inscripção correm em direcção obliqua, e dizem, pelo que posso decifrar:

CRONI | CAMALI

«É possivel que uma terceira linha seguisse as duas, mas não posso lêl-a. O texto deixa-nos em duvida se a pedra foi sepulchral ou tambem o signal de uma casa.

O nome do defunto (ou do possuidor da casa) é incompleto no principio; era talvez FERONVS». (Pag. 23).

A inscripção *Coroneri Camali domus* está sem duvida alguma completa.

Na inscripção CRONI | CAMALI o snr. dr. Hübner leu de mais um I no primeiro nome, porque á photographia faltou de certo a observação de que sempre a acompanhava — que na pedra havia uma falha que podia confundir-se com um I. A lição exacta é CRON | CAMALI.

De resto, não me parece que falte letra nenhuma a esta inscripção, e muito menos que se deva restaurar FERONVS. O C de CRON é muito distincto; e, se antes d'esta letra o gravador quizesse insculpir mais alguma, não lhe faltava espaço.

É muito provavel que a pedra pertencesse á casa de *Coronero*. Esta casa tinha um dos lados na aresta da corôa do monte, e a pedra appareceu no taboleiro inferior, podendo ter muito bem rolado de cima, como succedeu a quasi todas as pedras da parede d'este lado.

A obliquidade das linhas de inscripção prova que as letras foram abertas, não n'uma pedra isolada, mas n'uma pedra assente n'uma construcção. Como já se disse n'outra parte, em geral não ha regularidade alguma no apparelho das casas. Assenta-se no sólo a primeira fiada de pedras pelo seu leito mais plano. Que a pedra assente seja, pela sua parte superior, triangular, ou d'outra fórma, pouco importa; a segunda fiada lá se vai embrechando, como póde, pelos intersticios que lhe offerece a primeira, e assim o resto.

Em vista d'isto, o que se póde afiançar é que a pedra CRON CAMALI não pertencia á primeira fiada, visto não ser natural que se gravasse uma inscripção em linhas obliquas.

Se o lapicida quiz insculpir o nome de *Coronerus* é o que não é facil decidir.

Observações várias

A inscripção a que se refere o snr. dr. Hübner (Pag. 11, Fig. 17) levava a nota — de que provavelmente nada tinha com a Citania. Encontrei-a perto do adro de Santo Estevão, não muito distante da *pedra formosa;* e por muito tempo serviu de pedestal d'uma cruz a pedra em que está insculpida.

Ninguem me soube dizer d'onde ella veio.

A gravura é muito infiel. Além de desfigurar algumas letras, omittiu a terceira da segunda linha. (Veja-se Est. II, n.º 7).

Nas palavras: « várias espheras pequenas (de bronze) com ornatos lineares gravados » (Pag. 19), quer-se de certo fallar de uma perola, ou conta, de que esta descripção dá uma idéa mais que inexacta.

A conta é vasada de lado a lado por um buraco, por onde póde passar um cordão de 2 millimetros de grossura. O seu diametro será de 11. Toda ella é coberta d'uma *patine* verde, que se póde esfregar vivamente, sem a offender. Os ornatos são só n'um dos hemispherios. Ao centro, d'alto a baixo, e na direcção do eixo, representado pelo buraco, onde passava o cordão, correm duas linhas em zig-zag, cruzando symetricamente. Estas linhas não são gravadas, mas em esmalte preto, e sem relevo, nem reintrancia, do mesmo modo que o resto da ornamentação. Dous filetes de prata, que não teem mais corpo que uma linha ordinaria, separam o ornato central, do ultimo ornato da esquerda e da direita, que se compõe d'uma linha em zig-zag simples, tambem d'esmalte preto.

Esta conta é unica.

A pag. 22 diz o snr. dr. Hübner: « Parece-me, além d'isso, que esse nome (de *Camal,* como Marte britannico) não póde ser posto em relação com a supposta (?) inscripção da pedra já discutida ». (Fig. 14).

E uma nota a este texto remette-nos á nota 2.ª da pag. 11,

na qual se allude a um artigo que escrevi na *Renascença* (numero citado, pag. 25), intitulado *Signaes gravados em rochas.* Ahi diria eu que o Camal da fig. 14 teria alguma cousa de commum com o Marte celtico.

O que eu escrevi foi isto:

«Seria temerario affirmar se o Camal, mencionado a par da *gravura* citaniense (gravura d'uma ellipse dobrada, que a *Renascença* reproduziu), é *o mesmo* individuo tão querido dos lapicidas e oleiros da localidade, *ou* se era uma entidade da categoria de Mahadeu. *A primeira supposição é a mais plausivel, etc.*»

Quanto ao Camal da fig. 14, que eu no mesmo artigo dou como pai de Coronero, de que posso ser accusado é de ter trabalhado debalde por fazer d'elle um principe, desde que me vieram á mão os fragmentos de barro com os nomes de *Arg Camal,* para os quaes tambem debalde tenho pedido toda a attenção.

Remata o snr. dr. Hübner o seu escripto, lembrando a conveniencia de vulgarisar as descobertas já feitas e aconselhando-me paternalmente a que a publicação seja tão abundante de gravuras e descripções exactas — quão parca de discussões ethnographicas e mythologicas. «Uma publicação d'estas — diz — encontraria o mesmo applauso e o mesmo interesse no velho e no novo mundo; faria, em summa, a maior honra a Portugal».

Em vista do pouco, ou nenhum interesse real, que despertam as cousas archeologicas em Portugal, que tão rico é d'estes thesouros, a tarefa que a mim mesmo me tinha imposto era a de ir proseguindo lentamente o meu caminho, e sob o titulo de *Materiaes para a archeologia d'Entre Douro e Minho,* publicar um dia — quem sabe quando? — uma collecção de photo-

graphias, acompanhadas de descripções exactas, e sem a minima discussão ethnographica ou mythologica, offerecendo-a aos poucos que eu sei que a estimariam deveras.

Esta publicação comprehenderia, pelo menos, as descobertas da Citania, Sabroso e Santa Iria, ruinas que quasi se acotovelam e se explicam, a julgar por Sabroso.

Parte de Sabroso foi explorado o anno passado; Santa Iria devia sel-o este anno; na Citania ha muito que fazer ainda.

Vê-se pois que qualquer publicação, que eu hoje emprehenda, tem de ser necessariamente incompleta. Nem estes trabalhos, que exigem uma severa vigilancia, devem ser feitos simultaneamente e com precipitação, nem que isso fosse possivel, podem luctar com explorações em tal escala as forças da bolsa de um particular, que — já me tarda dizel-o — não é tão abastado, como o inculcam alguns adjectivos impertinentes.

O peor, porém, para o nosso caso é que, como nenhuma causa instava pelo adiantamento de tal obra, uma porção consideravel d'objectos colligidos está por photographar, todas as plantas por tirar, e sabem como o tempo vôa todos os que se teem entregado a este genero d'occupações.

Publicarei o que possuo e farei diligencias por que todo o tempo seja aproveitado.

Terminando, agradeço de novo ao snr. dr. Hübner o interesse que lhe mereceram as explorações da Citania, e ao snr. Joaquim de Vasconcellos o favor de me tornar conhecido o escripto que as menciona, e o qual eu, n'este canto do mundo, nem de nome conhecia.

Guimarães, 25 de março
de 1879.

F. MARTINS SARMENTO.

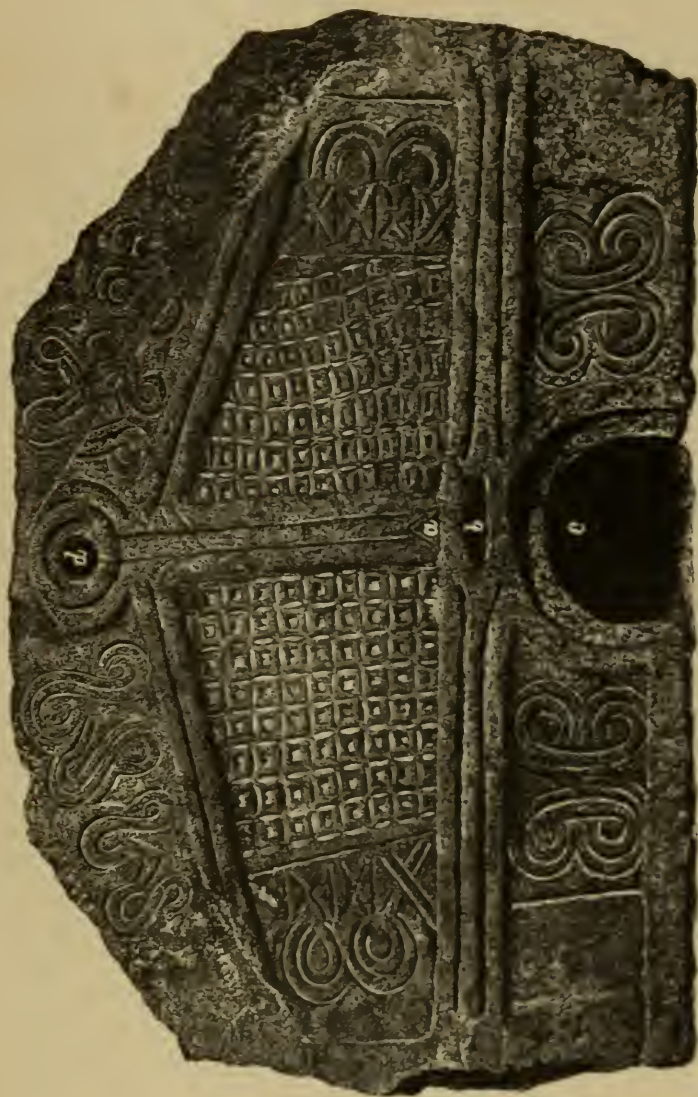
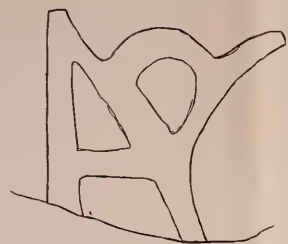
ADVERTENCIA

Não será escusado advertir, com relação á estampa II, que o n.º 2 é uma restauração feita com os fragmentos n.os 2 *a* e 2 *b*; o n.º 5 com os n.os 5 *a* e 5 *b*; o n.º 6 com os n.os 6 *a* e 6 *b*.

ERRATA

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
7	19	entrada primitiva	estrada primitiva
8	32	Andorinheira e Castel-Rei.	Andorinheira e monte de Guediz.

ESTAMPA I

Pedra formosa

N.º 2 a
N.º 2 b
N.º 2
N.º 3
N.º 5 a
N.º 5 b
N.º 5
N.º 1
N.º 4

Lisboa—Offic. Typ. Calçada de S. Francisco, 1 a 5.